



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Bonnici, Thomas

Dois romances distópicos e satíricos

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 33, núm. 1, 2011, pp. 153-155

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426647020>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Dois romances distópicos e satíricos

EVARISTO, Bernardine. **Blonde roots**. London: Penguin, 2009, 261 p. ISBN 9780141031521.

LEVY, Andrea. **The long song**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2010, 313 p. ISBN 9780374192174.

Thomas Bonnici

Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: bonnici@wnet.com.br

Não é fácil escrever um romance sobre a escravidão: os autores poderiam cair ou no sensacionalismo ou no voyeurismo; poderiam encarar o assunto sob o aspecto racista ou subestimar o horror da instituição escravagista; poderiam se amesquinhar diante de romances de grande impacto como são *Beloved*, de Toni Morrison, ou *Cambridge*, de Caryl Phillips.

Blonde Roots é o primeiro romance de Bernardine Evaristo em prosa. Os outros três romances, *Lara* (1997), *The Emperor's Babe* (2001) e *Soul Tourists* (2005) foram escritos em verso, mas nenhum livro da autora negra britânica, nascida em Londres de mãe inglesa e pai nigeriano em 1959, foi traduzido para o português. Colocando às avessas a história e a geografia, *Blonde Roots* imagina os africanos escravizando os europeus e detalha os princípios filosóficos para tal empreendimento sócio-econômico. Situando Aphrika e Europa ao sul do Equador, o Reino Unido de Grande Ambossa (cuja capital é Londolo) fica a oeste da costa ocidental da Aphrika e, atravessando o Atlântico, as Ilhas Japonesas Ocidentais se encontram a leste do continente Amarika. Embora as narrativas de reversão, como “*O senhor das moscas*”, de William Goldman, “*O planeta dos macacos*”, de Pierre Boulle e *The White Boy Shuffle*, de Paul Beatty, não sejam tão raros na literatura, o foco principal de Evaristo são a escravidão e os efeitos irreversíveis do racismo no mundo contemporâneo. Todavia, não faltam dados sobre a escravidão já que a narrativa histórica é conhecida através das obras científicas de Thomas, Alencastro, Vainfas, Florentino e dos trabalhos literários de Douglass, Harriet, Stowe, Haley, Harris, Morrison, Phillips, Levy, entre outros.

Blonde Roots é a narrativa de uma jovem inglesa branca, Doris Scagglethorpe, a qual, capturada por escravagistas e colocada num navio negreiro, sofre os horrores da travessia do Atlântico. Nas Ilhas

Japonesas Ocidentais (o Caribe) ela é imediatamente leiloadada e começa sua jornada de trabalhos desumanos. Após se envolver num ‘acidente’ fatal com a filha de família Ghika, seus primeiros donos, Doris foi vendida ao poderoso ‘aphrikano’ Kaga Konato Katamba (a sigla significativa KKK), o qual opera seus negócios num contexto de escravidão dirigida por negros. Portanto, 400 anos de escravidão são descritos numa modalidade perturbadora. A narrativa inicia-se quando Doris, agora renomeada Omorenomwara, está prestes a fugir. Ela lembra a sua vida pré-escravidão e a contrasta com a vida de privações, sofrimentos, estupros e humilhações que atualmente vive. Capturada duas vezes, fugiu finalmente para um quilombo e conhece mais uma vez a liberdade quando a Emancipação (historicamente em 1834) é promulgada pelo governo negro de Grande Ambossa. Os ex-escravos são transformados em operários assalariados, mas os descendentes dos amos, morando nas cidades de Grande Ambossa, ainda são ricos e donos das fazendas de cana de açúcar. Em prolepse sobre o relacionamento Norte-Sul contemporâneo, Doris afirma que “[e]stava convencida que os escravagistas ‘jamais’ entregassem sua vaca de ouro. Foi um dos negócios mais lucrativos de todos os tempos, envolvendo o transporte de brancos (*whites*) em larga escala, levados aos milhões da Europa às Ilhas Japonesas Ocidentais, assim chamadas devido ao fato que, quando o ‘grande’ explorador e aventureiro Chinua Chikwemeka queria descobrir uma nova rota para a Ásia, pensou que aquelas ilhas fossem o arquipélago japonês. E o nome colou.”

Seguindo a tradição de Swift e Fielding, em *Blonde Roots*, Evaristo se especializa numa história alternativa satírica. Embora jamais explique o porquê desta reversão histórica e geográfica, Evaristo fabrica uma narrativa em que os ‘aphrikanos,’ agora escravagistas, podem exibir uma ‘cultura econômica’ pujante construída pela captura de ‘europanos’ ou

wiggers (trocadilho com *nigger*, o termo degradante utilizado pelos brancos, com a primeira letra ‘n’ transformada em ‘w’ para conotar *white* ou branco), utilizando-os como escravos. A narrativa focaliza muito mais a pergunta imaginária aos leitores brancos: “Como vocês sentiriam se seus ancestrais brancos tivessem sido escravizados, suas mulheres estupradas, e vocês tivessem de trabalhar, como animais de carga, nas fazendas de cana e de algodão?” do que “Como seria se historicamente os africanos tivessem escravizado os brancos?” Esta pergunta revela aos brancos porque a ferida da escravidão não cicatriza no coração do negro caribenho, estadunidense e brasileiro. De fato, esta inversão do tráfico negreiro solapa uma das mais importantes bases da história moderna e derruba doutrinas teológicas e filosóficas referentes ao domínio branco, à outremização do outro diferente e à usurpação do poder. A sátira desorientadora é intencionalmente proposta para provocar debates sobre os fundamentos subjacentes a conceitos como raça, cultura e história.

Evaristo também satiriza a Inglaterra contemporânea e multicultural com seus sujeitos diaspóricos. A grande maioria dos ‘europanos’ escravos em Londolo (Londres) vive uma vida dura trabalhando para seus amos ‘aphrikanos’ e são submetidos aos caprichos e desejos destes. Na capital do grande império, os ‘aphrikanos’ ricos usam enfeites de ossos nas narinas e ouvem música punk, e os poucos brancos livres pagam preços exorbitantes para enegrecer sua pele, achatar suas narinas e encaracolar seus cabelos lisos. De fato, uma diáspora livre *whyte* está emergindo, incluindo protestos em favor de direitos civis e contra a lei de detenção sob mera suspeita (as notórias SUS Laws, abolidas nos anos 1980, que tanto prejudicaram os imigrantes no Reino Unido) e o emprego de *whites* como seguranças. Reapresentando os acontecimentos trabalhistas ocorridos na Inglaterra pós-guerra, estes, porém, são continuamente provocados pelos *blaks* para voltarem à sua terra: “Go home, you’re stealing our jobs”.

Experiente no gênero lírico empregado em seus romances-poemas anteriores, a escolha da linguagem usada por Evaristo mostra a sutil função para a criação da realidade ficcional. Ela revela a ubiquidade do racismo em Londolo através de uma manipulação de cartazes como ‘Adivinhe quem “não” vem para o jantar’ e ‘Ao Mestre com Ódio’, e através da descrição de cantores populares ‘aphrikanos,’ com rostos embranquecidos, imitando a linguagem dos *whites* em suas canções sobre os brancos serem bufões preguiçosos, mentirosos, subversivos, covardes e sexualmente reprimidos.

A linguagem crioula usada na fazenda de cana de açúcar (encabeçada com a placa sardônica ‘Lar Doce Lar’) e pela comunidade feminina da matriarca Ye Memé é tão difícil de decifrar quanto os trechos falados por Jim em *Huckleberry Finn* ou os poemas de Benjamin Zephaniah. “Sundays him carve tings fe folk in de quarter and don’t charge nuttin but just aks to join famlees fer dinner. Yu see how we all love dat man? Magik, we call him. Magik Fingas, becorze everything he mek so bootiful”. E tão difícil de traduzir! O objetivo do uso do inglês crioulo é para fazer os brancos sentirem a mesma ruptura de identidade que os escravos africanos tinham quando abandonaram forçosamente seus idiomas e adotaram a linguagem do colonizador-escravagista. Ademais, a sutileza linguística de Evaristo chega ao ponto de ela fazer com que os escravos brancos cantem os cantos tradicionais ingleses/escoceses (como *Auld Lang Syne*; no Brasil, “Valsa da despedida”) com sotaques crioulos, estratégia que estabelece a sensação de *unheimlichkeit* (estranhamento) nos leitores.

Talvez a sátira mais contundente em *Blonde Roots* se encontre no ensaio de quase cinquenta páginas, colocada exatamente no meio do livro, escrito por Katamba, sobre a ‘Verdadeira natureza do tráfico negreiro e outros comentários sobre a índole e os costumes dos europanos.’ Praticamente todos os argumentos pseudo-filosóficos e pseudo-científicos arregimentados nos quatrocentos anos de prática escravagista, embora com polos invertidos, são expostos para mostrar a inferioridade intelectual anatomicamente comprovada, a ausência de cultura e de manifestações humanas nos *whites* e a sua natural propensão para trabalhos exclusivamente manuais. Por outro lado, revela a superioridade dos ‘aphrikanos’ e sua missão civilizadora para subjugar os ‘europanos’ e erguê-los de seu primitivismo e incompetência essencial. Através da repulsa que as pessoas brancas contemporâneas sentem quando reparam estes argumentos objetificadores a eles dirigidos, Evaristo quer salientar e provocar indignação referente aos danos morais irreversíveis do racismo infligidos aos negros e a permanência dos mesmos em seus descendentes até hoje.

The Long Song, o quinto romance de Andrea Levy, nascida em Londres em 1956, de imigrantes jamaicanos, é consistente com seus outros romances sobre os afrodescendentes num país hegemonicamente branco, embora agora o olhar vá para as fazendas de cana-de-açúcar caribenhas repletas de escravos. Imitando os *testimonios*, *The Long Song* é narrado pela ex-escrava July, nascida e criada numa fazenda jamaicana ironicamente chamada ‘Amity.’ July, que “tem uma língua direta e pouca tinta,” desenvolve a narrativa contando a sua

concepção originada da violência sexual do capataz escocês Tam Dewar contra sua mãe Kitty, seu trabalho nas plantações de cana-de-açúcar, sua ‘adoção’ por Caroline Mortimer, a irmã do proprietário, sua vida ‘privilegiada’ como serva na casa-grande dos Mortimers, as lutas contra a escravidão nas assim chamadas Guerras Batistas (1831-1832), a revolta dos escravos e o revide dos brancos, a Emancipação, a vida miserável como trabalhadores sem-terra após a abolição e o encontro com seu filho Thomas Kinsman que a ‘ajuda’ a escrever o livro autobiográfico.

Embora *A Long Song* seja ficção, Levy pesquisou bem o material histórico, destacando-se o ódio entre escravos e patrões, a hegemonia do europeu e a brutalidade da instituição, a fabricação da ‘verdade,’ o desgaste psicológico do negro, a opressão e o abuso sexual. Por outro lado, como nos outros seus romances e apesar da tragédia humana narrada, a comicidade permeia a narrativa através da linguagem, das imagens e dos episódios. A narradora adverte o leitor contra certo livro escravagista: “Se você o lê e aceita as ideias deste autor, então vá embora. Já não o quero mais como meu leitor.” A comicidade veiculada pelo *ménage à trois* entre Caroline, Robert Goodwin e July, a frivolidade de Caroline, a mudança fulminante de Goodwin de defensor a crítico dos escravos, as atrapalhadas calculadas de July para envergonhar os seus amos e a linguagem usada (“[o sorriso] parecia tão lacerado e abandonado quanto o pente quebrado da minha

patroa”) sutilmente subvertem o monolitismo europeu e a hegemonia branca.

Elaborando sobre um dos capítulos mais sórdidos da história do império britânico, Levy relega suas personagens brancas ao opróbrio devido à crueldade, aos preconceitos e à dependência. Por outro lado, enaltece a contínua subjetividade e agência do escravo jamaicano. “Não somos mais escravos e trabalhamos como nos convém,” retrucam os ex-escravos a Roberto Goodwin, agora o dono da fazenda. A recusa de trabalhar relega os ex-escravos a se retirarem aos terrenos baldios e sobreviverem durante décadas apesar de profundo sofrimento físico. A dissimulação, a paciência estratégica e a oposição contra o branco revelam a base da cultura caribenha contemporânea.

Além de investigar a escravidão sob aspectos novos e revelar os efeitos deletérios do poder sobre a natureza humana, a sátira e a comicidade, respectivamente de Evaristo e de Levy, poderão provocar indignação, revolta ou até risos diante da suspensão da realidade dos fatos. É um avanço no já importante catálogo de obras de escritores negros britânicos e na literatura britânica.

Received on May 1st, 2010.

Accepted on June 4, 2010.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.